

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH
XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
História, acontecimento e narrativa
João Pessoa/PB – 27/07 a 01/08/2003

ÁREA TEMÁTICA: História e Cultura

SIMPÓSIO TEMÁTICO: 75 – Instituições culturais, leitores e práticas de leitura no Brasil – Coordenação: Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento

**LEITURAS PARA MOÇAS: INDICAÇÕES E CONTRA-INDICAÇÕES
DA DRA. ITALA SILVA DE OLIVEIRA**

Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Professora Assistente do Departamento de Educação da
UFS -Doutoranda na Faculdade de Educação da
UNICAMP

Apresentação

Pretende-se analisar as prescrições da Dra. Itala Silva de Oliveira (1897-1984), primeira médica sergipana, acerca das leituras para moças. Como professora particular de meninas, ela incentivava que as jovens desenvolvessem o hábito de leitura dos jornais diários e defendia a ampliação da escolarização feminina. Na sua tese defendida na Faculdade de Medicina da Bahia em 1927, ela se preocupou em orientar pais, professores e médicos acerca das leituras femininas, contra-indicando veementemente o acesso das jovens aos romances.

Esta preocupação com a prescrição das leituras para as jovens, nas primeiras décadas da República, encontra-se vinculada com o discurso liberal, católico e higienista vigente no período, no qual a mulher deveria se responsabilizar pela educação dos futuros cidadãos. Os modos de comportamento, formas de sociabilidade, normas de conduta, das jovens, futuras esposas e mães de família, eram avaliados constantemente por médicos, higienistas, educadores e autoridades religiosas, neste período. Em nome da conservação dos padrões morais tradicionais, o aumento das responsabilidades maternas e da intensa valorização do trabalho feminino no interior do lar, eram apresentados como padrão-ideal a ser almejado pelas jovens, contrariando os enredos românticos que poderiam despertar para outras possibilidades de realização feminina.

Ressalta-se que a mulher intelectual e emancipada neste período era considerada com uma certa suspeição, tendo em vista que poderia influenciar de forma negativa outras mulheres que estavam acomodadas em papéis tradicionais como: esposas, mães e donas-de-casa exemplares. No final do Império, quando alguns intelectuais se preocupavam em defender o aprimoramento da instrução feminina, como aponta Arilda Ribeiro (1996, p.164) não tinham como meta “elevar a mulher à culminância científica e literária. Também não se pretendia prepará-las para funções profissionais, ainda consideradas incompatíveis com a sua capacidade intelectual.” Apenas garantir o acesso a conhecimentos fundamentais para a educação de seus futuros filhos, assim como algumas habilidades manuais, bem como rudimentos de música, canto e línguas estrangeiras.

Apesar destas dificuldades apontadas, nas diversas regiões do Brasil, pode-se perceber uma preocupação de grupos de mulheres em torno da imprensa, quer na organização e publicação de livros quer na iniciativa de edição e manutenção de revistas e jornais femininos. As relações entre as publicações femininas e as literatas estão presentes no estudo realizado por Norma Telles (1997), assim como na pesquisa elaborada por Elizabeth Siqueira (1995) e também no trabalho recente de Arisnete Morais (2001). Analisando as contribuições regionais estas autoras indicam pistas importantes para o estudo da presença feminina na imprensa na passagem do século XIX para o século XX.

Sobre as literatas sergipanas, uma coletânea de artigos, publicada por Brício Cardoso, em 1916, no *Jornal Diário da Manhã*, ofereceu importantes subsídios para o levantamento das sergipanas que publicavam em jornais e revistas. Outros dois estudos, neste mesmo sentido devem ser destacados, “A mulher na literatura” de Maria Rita Soares de Andrade apresentada como tese para o concurso do Colégio Atheneu à cadeira de Literatura Brasileira e Línguas Latinas, em 1929, e a pesquisa realizada por Lígia Pina (1994) que recupera dados bio-bibliográficos de escritoras e poetisas de Sergipe.

Em sua maioria as literatas sergipanas deste período exerceram o magistério como a médica Itala da Silva Oliveira e se utilizaram dos jornais e da prática profissional para defesa de seus ideais, entre eles a emancipação feminina através da instrução e da profissionalização. Além de denunciarem questões sociais sérias seus escritos permitiram a visibilidade de questões individuais, como as perseguições sofridas por elas mesmas ou por outras mulheres. O fato de ocupar lugar nas páginas dos jornais, espaço predominantemente masculino, fizeram com que elas rompessem com alguns padrões, mesmo que as estratégias mobilizadas por cada uma fossem diferentes, elas construíram espaços de resistência para além do seu próprio tempo.

Segundo Chartier (1995, p.42) “ ao definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença da natureza, radical, irredutível e universal.” Neste sentido, Itala como as outras autoras sergipanas, das primeiras décadas do século XX, desenvolveram possibilidades de reação à dominação e a circunscrição do espaço social destinado às mulheres, através de movimentos de subversão e acomodação sucessivos das fronteiras impostas.

Aspectos da trajetória da Dra. Itala Silva de Oliveira e as indicações de leitura para as moças

Itala da Silva de Oliveira nasceu em Aracaju em 1897, e faleceu no Rio de Janeiro em 1984. Foi aluna do Atheneu Sergipense e recebeu o grau de Bacharel em Letras em 1914, tendo sido escolhida oradora da turma, numa época em que eram poucas as moças que freqüentavam este estabelecimento de ensino. Manteve um curso primário e secundário particular e em 1916 foi nomeada como primeira professora da Liga Sergipense contra o Analfabetismo. Em 1919, foi designada interinamente conservadora dos Gabinetes da Escola Normal e cumulativamente professora adjunta de Física, Química e História Natural do mesmo estabelecimento. Em 1921, Itala foi para Salvador e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1927 recebeu o grau de doutora em obstetrícia com uma tese médica sobre sexualidade e educação sexual.

Nunes (1984, p.234) indicou que muitos profissionais liberais não encontraram condições para atuar em Sergipe e no final da década de 20 acabaram migrando para outros centros maiores, entre os profissionais citados a única mulher referenciada foi Itala Silva de Oliveira.

Nos textos publicados no *Jornal Diário da Manhã* entre 1914 e 1916 Itala evidenciou grande preocupação com a emancipação feminina e com a alfabetização da população. Em seus textos, conclamou o envolvimento feminino nas ações da Liga Sergipense contra o Analfabetismo, como pode ser percebido no trecho seguinte:

“Que o nosso paiz é um paiz de analfabetos sabemos muito bem; porque pois não se move o nosso povo para auxiliar a Liga Brasileira contra o Analfabetismo? Há uma classe para a qual dirijo estas ultimas linhas, e da qual alguma coisa temos a esperar, porque si ella quizer será capaz de muito. Em outros Estados da Federação, talvez que este elemento se movimente, e se allie à Liga Brasileira contra o analfabetismo; no meu, porém, eu tenho duvidas. Este elemento do qual eu acabo de vos falar é o elemento feminino. Estou vendovos, leitor, a sorrir e por de lado este jornal. Não façais isto, porém, embora o vosso riso escarnecedor tenha razão de ser. Acostumaste-vos a ver na mulher um ente incapaz de qualquer iniciativa util, a não ser quando esta iniciativa traga qualquer fundo de religião e por isto assim fazeis, mas o vosso riso não me demove do meu intento, é tão inoffensivo

como o que estaes lendo.(...) Si esta idéa que aqui exponho, fosse levada a effeito, si do Rio Grande do Sul ao Amazonas todas as mulheres que tivessem se instruido quizessem assim fazer, eu não só acreditaria, sinceramente, na extincção – porque vos não dizer? – completa do analfabetismo no Brasil, como veria nisto o primeiro passo dado pela mulher brasileira para a sua emancipação.” (Oliveira, Itala Silva de. Diário da Manhã, 15/03/1916, p.2)

Como secretária da Liga Sergipense contra o Analfabetismo e professora da primeira escola da mesma Itala retomou este tema em diversos momentos na grande imprensa sergipana e também na Revista Feminina, editada em São Paulo, onde ela foi colaboradora, a partir de 1916.

Fundada em São Paulo, em 1914, por Virgílica de Souza Salles, a Revista Feminina circulou pelo Brasil, até 1936. Em Sergipe, o primeiro colaborador e insistente divulgador da revista nas páginas dos jornais sergipanos foi Péricles Barreto, a partir de 1915. Segundo Buitoni (1986, p.45), a Revista Feminina, apresentava um “toque de modernidade não só nos produtos que anunciava, mas na diagramação bastante inovadora para a época (...) possuía em média 90 páginas.” Entre os seus principais colaboradores, figuravam: Olavo Bilac, Coelho Neto, Couto de Magalhães, Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva e Presciana Duarte.

Um artigo publicado em junho de 1916, Itala chamava atenção para o papel da revista e do jornal no processo de instrução, assim como destacava a importância da Revista Feminina:

“(...) a Revista Feminina, que se destina a cooperar para a instrução da mulher brasileira, e que, ao nosso ver, será como um pharol mostrando ás gerações vindouras que já, hoje, há no Brasil quem trabalhe em beneficio da instrução feminina. Mas, não obstante, toda a sua boa vontade, diz ella, no ultimo numero, que as brasileiras não têm sabido comprehender o fim elevado que visa. É preciso que saibamos que não é sómente o livro que instrue, que tambem o jornal e a revista largamente contribuem para a diffusão da instrução, e nós, que n’este ponto de vista temos tudo a fazer, devemos procurar adquiril-a por todos os meios. Na maioria dos casos a revista e o jornal têm uma nobre missão a cumprir, e só não fazem isto quando se destinam a servir de receptaculo ás producções de espiritos levianos e superficiaes, ou quanto se acham a serviço da politicagem torpe. Mas, a Revista Feminina não se acha comprehendida no numero d’estas; sendo para o sexo feminino ella só tem por fim instruil-o, deleitando o . Foi por sabermos isto, e por termos lido o seu appello que achamos justo, que algo dizemos as patricias sergipanas que procurem lel-a . Não se trata de um revista onde o amor piegas e aborrecido se ostente, unicamente, e talvez que esta seja a razão pelo qual não tenha essa revista a acceitação que merece; mas, é preciso que a mulher saiba que hoje este sentimento não deve constituir a única preocupação da sua vida; que o desenvolvimento da humanidade faz ver que a mulher precisa de substituir este thema banalissimo, que só deve servir de assumpto para os poetas e poetisas, pela instrução que eleva e dignifica. A Revista Feminina como magazine util a toda mulher, pela variedade de assumptos, deve ser procurada por todas vos pois a sua leitura a todos interessa.” (Oliveira, Itala Silva de. Diário da Manhã 23/06/1916.p.1).

A imprensa na passagem do século XIX para o século XX tinha um papel fundamental como “agente de cultura, mobilizadora de opiniões e propagadora de idéias”, como salientou Pallares-Burke (1998), Itala parecia em seus textos re-significar estas perspectivas. Nos seus discursos e artigos buscava a mobilização e o engajamento feminino e ocupou espaços em jornais e revistas de circulação estadual e nacional em um período que poucas sergipanas se faziam presentes nas páginas dos impressos.

Ao defender os jornais e a Revista Feminina como veículos de instrução a autora insistia para que as mulheres se ocupassem com a leitura de outros temas além do “amor romântico”. Através do entretenimento-educativo encontrado nas páginas de alguns periódicos as mulheres poderiam “elevar-se” e adquirir conhecimentos.

Para Itala a instrução feminina era uma necessidade e uma estratégia significativa para “o engrandecimento da pátria”, uma vez que a mulher era responsável diretamente pela educação dos filhos. Em seus discursos e textos sobre o tema da educação, a autora defendeu a função transformadora da educação, fundamentada no “entusiasmo pela educação”, acreditava que o processo educativo bem encaminhado poderia mudar a sociedade brasileira. Em diversos

artigos questionou a educação ministrada, principalmente às jovens e meninas, que eram submetidas a processos intensivos de memorização e não recebiam mais que um certo “verniz” de habilidades sócio-culturais.

Itala acreditava que a participação da mulher na sociedade dependia de um padrão elevado de instrução. Em relação ao feminismo, tinha uma posição liberal-conservadora, em nome da igualdade, defendia o papel da mulher como colaboradora do homem. Indicava o seu envolvimento com problemas sociais, através de ações de benemerência e filantropia. Criticava a imitação da moda de outros países e salientava a atuação das francesas na guerra:

“ (...)Que a mulher é capaz de, condignamente, influir nos problemas sociaes; que ella, quando instruida, prova tão bem como o seu companheiro, é um facto real e palpavel, que se nos apresenta tão claro como claro são os raios do sol, nos dias estivaes. Antigamente constituia excepção a mulher que na litteratura ou em qualquer outro ramo do saber humano se destacasse; hoje não. (...) É que ella comprehendeu que assumptos mais importantes, que o debatido problema do amôr, reclamam a sua atenção. As multiplas transformações, que o correr dos tempos, se vão operando nas sociedades, lhe fazem vêr a necessidade que tem de applicar a sua actividade melhor do que a tem aproveitado até agora. Há dias lemos uma interessante chronica apreciando a mudança sensivel que se produziu no character da mulher franceza, depois d’estes longos mezes de guerra, e tivemos mais uma vez a convicção de que ella marcha a passos largos em procura da sua emancipação.(...) Quem acreditava até hoje que o logar da mulher era no lar, no interior das casas, que ella não podia desempenhar os mesmos cargos que o homem, sem que isto não viesse perturbar o socego do lar domestico, está vendo o contrario, no velho continente conflagrado. Como as aguas das inundações que pouco a pouco vão augmentando de volume até atingirem consideravel altura, assim o movimento feminista cada dia que se passa mais se desenvolve, (...) e vôle alta em procura da liberdade. Nós, brasileiras, que temos tanto interesse, e que seguimos com cuidado o que fóra do paiz se pássa, afim de imitar, não nos lembramos de procurar o que pode trazer desenvolvimento á vida do paiz; preocupamo-nos com as mil tolices da moda e com as futilidades, com que os outros povos occupam as suas horas de ocio. (...) Não obstante, porém, o nosso atrazo em materia de dar-se á mulher o que, fora d’aqui, ella em outros paizes está em via de conquistar, já vemos, comtudo, exemplos raros, que nos mostram que, também no Brasil, ella já começa a ensaiar os primeiros vãos para a reivindicção dos seus direitos, até hoje negados” (Oliveira, Itala Silva de. Diário da Manhã 23/06/1916.p.1).

Na sua tese, acerca da importância da educação sexual, Itala retornou ao tema da educação feminina, dando ênfase à necessidade de desmistificar o tema da sexualidade. Baseada em argumentos eugênicos e higienistas, ela se empenhou em defender o conhecimento amplo, científico e sem preconceito do corpo humano, principalmente dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, das funções e desejos sexuais.

Salientou o papel dos pais, da escola e dos médicos no esclarecimento e na formação de crianças e jovens sobre o tema da sexualidade, em prol da felicidade e da realização de homens e mulheres. Itala insistiu, em diversos momentos na tese, que a instrução deveria se constituir em aliada da educação da vontade e da regulação dos instintos. Demonstrou preocupação com o excesso de sensualismo, no cinema, nas danças e na moda, no final da década de 1920 e prescreveu atenção redobrada aos romances e leituras eróticas.

A Dra. Itala defendia a co-educação como uma forma de convivência importante para meninos e meninas, rapazes e moças, a fim que no futuro, como maridos e esposas, pudessem compreender a importância de compartilhar experiências. A educação sexual das jovens foi apresentada como garantia de estabilidade no casamento, reforçando preceitos eugênicos e higiênicos que vigoravam no período, as práticas sexuais deveriam ocorrer respeitando os padrões de moralidade e moderação.

Assim a educação sexual, defendida pela autora exercia um papel preponderante para a existência e manutenção das práticas sociais em torno do amor-casamento, e do sexo-procriação, tão propalado por médicos e intelectuais nas primeiras décadas do século XX.

A educação sexual feminina tornava-se essencial independente do estado civil. Casada, solteira ou celibatária, todas deveriam receber instrução sobre o tema, sendo também esta uma das propostas do movimento feminista do período:

“(…) casada, ella comprehenderá as alegrias felizes e sadias de maternidades physiologicas, não se furtará ao destino natural da mulher, trabalhando sã e alegremente ao lado do homem, será sua collaboradora de corpo e de espirito, procurando filhos fortes, robustos, sadios. Solteira, rija a vontade, educada, sentindo-se satisfeita de viver, libertada de grilhões atavicos, ella sorrirá para a vida esperando poder um dia, sem anseios, sem embustes, integralisa-la, completá-la ao lado do companheiro escolhido. E si o seu destino de esposa e de mãe falhar, ella encontrará, ainda, no trabalho, o mais efficaz remedio ás mutações do character que na idade critica as torna maldizentes, querelentas, insupportaveis solteironas. Ainda comprehenderão bem a vida, saberão que si a existencia sexual em commum tem alegrias e prazeres renovados, aquella que, no meio social em que viveu, não achou um ser que lhe quizesse como companheira e amiga, terá occupações nobres, fontes vivas e puras de alegrias e a prostituição que ellas saberão um mal e uma chaga no corpo social, não as tentará. Esta a preocupação do feminismo educar a mulher para ser mulher, esposa excellente, mãe de familia exemplar, honesta trabalhadeira.” (Oliveira, 1927, p. 168)

Além dos papéis tradicionais a serem exercidos pelas mulheres, Itala ressalta que a instrução das jovens seria útil também em situações extremas, ou mesmo no caso das solteiras para que pudessem se manter, exercendo alguma profissão digna. Novamente os modelos eugênicos e higiênicos foram recuperados pela autora:

“ E a solteira, a viuva ou a casada que as circunstancias da vida obrigam a concorrer para as despesas do lar, por meio de uma profissão qualquer, não se entregarão ao desespero, nem mendigarão protecções humilhantes, não acceitarão piedades revoltantes, saberão empregar sua instrução de um modo lucrativo. É urgente instruir a mulher racional e proveitosamente, si não em seu beneficio, ao menos da especie” (Oliveira, 1927, p.169).

Considerações Finais

Outros estudos realizados sobre a leitura dos romances pelas mulheres no século XIX (MORAIS, 2002) e mesmo nas décadas de 1940 e 1950 do século XX (CUNHA, 2000), mostram a resistência e a suspeita de educadores e intelectuais sobre a utilidade destas leituras para jovens em processo de formação. Os personagens femininos neste tipo de literatura geralmente “experimentavam” outras formas de sociabilidade e de tentativas de transgressão aos padrões socialmente construídos contra-indicados para as mulheres em cada período.

Itala Silva de Oliveira defendia a educação feminina como estratégia e processo de formação para os papéis de esposa exemplar e mãe dedicada. Aborda na sua tese um tema importante no período, apesar de assumir posições severamente conservadoras, quanto a moda, a vaidade feminina, ao cinema, danças e mesmo literatura, insiste na importância do auto-conhecimento e do prazer sexual das mulheres.

Conservadora, na medida em que criticava a moda, o cinema e a leitura de romances, as danças e músicas do seu período, a Dra. Itala mostrava-se avançada na medida em que refletia sobre a importância do orgasmo feminino, mesmo que associado ao processo de procriação. Defendia que a mulher deveria conhecer o seu corpo, para compreender as oscilações, necessidades, e garantir boa higiene; que a educação sexual deve ser assumida por pais, escola e médicos. As jovens deveriam ser educadas sexualmente, para garantia da estabilidade do casamento e do exercício sexual normal. O excesso de excitação como consequência da leitura de romances, da moda e da vaidade do período foram condenadas. Prescreveu a leitura de jornais e revistas e contra-indicou os romances e a preocupação excessiva com o amor romântico.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maria Rita Soares de. **A mulher na literatura**. Aracaju: Casa Ávila editora, 1929.

BUITONI, Duclécia Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

CARDOSO, Brício. Poetizas sergipanas. In: **Diário da Manhã**. Aracaju, 5 de fevereiro de 1916. Ano VI. n.1420.p.1.col. 1,2 e3.

CARDOSO, Brício. Poetizas e litteratas sergipanas. In: **Diário da Manhã**. Aracaju, 25 de março de 1916. Ano VI. n.1460.p.1.col.4 e 5, p.2. col. 1,2 e3.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. In: **Cadernos PAGU**. Fazendo História das Mulheres. N.4. Campinas: PAGU/UNICAMP, 1995. pp.37-48.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução: os romances de M.Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **A mulher em nove versões**. Natal: Editora da EDUFRRN, 2001.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.

OLIVEIRA, Itala Silva de. **Da sexualidade e da educação sexual**. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1927. (Tese de Doutorado em Ciências Médico-Cirúrgicas)

OLIVEIRA, Itala Silva de. Liga Brasileira contra o analfabetismo. **Diário da Manhã**. Ano VI, n.1451, Aracaju, 15 de março de 1916. p.2. col.1 e 2.

OLIVEIRA, Itala Silva de. Revista Feminina. **Diário da Manhã**. Ano VI, n.1.529, Aracaju, 15 de março de 1916. p.1. col.4 e 5 e p.2. col.1.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na História**. Aracaju: s.n.t., 1994.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence em Campinas, 1863-1889**. Campinas: Área de Publicações Centro de Memória/UNICAMP, 1996.

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica S. et.al. **Um discurso feminino possível**. Pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: ed. Universitária da UFPE, 1995.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (org.) **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997. pp. 401-442.